



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

## UNIDADE

Campus Universitário de Santana do Araguaia - Instituto de Engenharia do Araguaia-IEA

## TÍTULO

Os cemitérios oitocentistas em Belém e em Manaus

## RESUMO

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar a inserção dos valores higienistas e seus eventuais impactos culturais nos cemitérios de modelo oitocentista de Belém e de Manaus entre os séculos XIX e início do XX. Desde o final do setecentos, debatiam-se na Europa os riscos da prática de inumação dos mortos dentro de recintos religiosos que eram amplamente frequentados e próximos dos núcleos urbanos. Por estarem lotados, esses cemitérios *ad sanctos apud ecclesium* com centenas de corpos constantemente sepultados, liberavam gases e líquidos na decomposição dos cadáveres. Mas a difusão dos cemitérios no Brasil foi descompassada e desigual no território. Seja pela morosidade jurídica e/ou entraves financeiros e culturais, os locais de inumação públicos só se difundem a partir de 1850, havendo casos em que só tardiamente, os cemitérios fora do templo tornaram-se o principal lugar de enterramento municipal. Utilizando uma metodologia que envolve a Nova história Cultural, com seus métodos e abordagem sustentados por ampla consulta bibliográfica, documental e pesquisa de campo, pretende-se analisar como se deu o processo de ocupação e expansão dos espaços urbanos tendo como *locus* de reflexão a instalação de cemitérios públicos nas metrópoles da Amazônia, Belém e Manaus. Cidades essas que incorporaram um ímpeto de aburguesamento no auge da borracha.

## INTRODUÇÃO

Os cemitérios, tal como os conhecemos, são uma invenção relativamente nova, surgindo em meio a discussões ocorridas na Europa durante o século XVIII, mais especificamente no território francês. Os enterramentos na Europa Ocidental católica, de modo geral, aconteciam dentro da tradição *ad sanctos*, isto é, uma prática que consistia no enterramento dentro e nos arredores das Igrejas. O costume remontava uma tradição católica medieval, baseada na crença de que o caminho para a salvação eterna se daria com mais facilidade se o morto fosse sepultado num recinto sagrado.<sup>1</sup>

1 ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Vol. I, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 1977, p. 15.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

Esse tipo de sepultamento teve um longo gestar durante o período medieval, até tornar-se tão cristalizado e naturalizado, que parecia impossível delegar a função do cuidar dos restos mortais a outra instituição que senão à Igreja. Essa consagração da instituição enquanto responsável pelo cuidar dos restos mortais se deu com a sua afirmação enquanto organizadora de todas as fases da vida e consequentemente da morte<sup>2</sup>.

Ainda a respeito do cuidar do morto, deve-se pensar que as altíssimas taxas de mortalidade, devido aos precários serviços de higiene, más condições de alimentação, frequentes epidemias que assolavam a Europa e por fim os limitados tratamentos médicos possíveis. Essa conjuntura explica o porquê de o alento espiritual oferecido pela Igreja, em meio a tantas incertezas, parecer ser suficiente ou senão o único possível<sup>3</sup>.

Foi durante o século XVIII que uma nova estratégia diante do controle das doenças, tendo como parâmetro a saúde e a higiene pública viria a ser desenvolvida pela medicina. A valorização da razão, dos conhecimentos científicos, em prol da qualidade de vida nos meios urbanos, buscava afugentar hábitos impróprios do cotidiano das cidades<sup>4</sup>. O controle da higiene, sobretudo dos hábitos contra a sua não manutenção acabou por atribuir aos setores marginalizados a culpa pelas epidemias.

Assim, a insistência dos costumes “perigosos” praticados pelos mais pobres, que foram os primeiros alvos de crítica dos sanitaristas, deveriam ser combatidos. Contudo, os costumes fúnebres de ricos e pobres eram, ao menos em parte, semelhantes e também foram ambos posteriormente alvos de questionamentos por parte dos médicos, que acusavam tais práticas pautadas na superstição, além de serem disseminadoras de micro-organismos no ar, água e solo. Para estes médicos, os cemitérios dentro e ao redor das igrejas deveriam não só ser impedidos de serem mantidos, como também se deveria pensar em novos espaços, a fim de apartar mortos e vivos de convívio tão promíscuo, e perigoso para com a saúde pública. Conforme observou Michel Foucault:

[...] a individualização do cadáver, do caixão e do túmulo aparece no final do século XVIII por razões não teológico-religiosas de respeito ao cadáver, mas político-sanitárias de respeito aos vivos. Para que os vivos estejam ao abrigo da influência nefasta dos mortos, é preciso que os mortos sejam tão

<sup>2</sup>*Ibidem*, 1977, p. 15-18.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 15-18.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p. 53.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

bem classificados quanto os vivos ou melhor, se possível. E assim que aparece na periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que se passa em revista. Pois é preciso esquadriñar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem.<sup>5</sup>

Observa-se que a organização da morte com base nos valores higienistas pregados pelos médicos deveria convencer toda a sociedade de que a medida era essencial para se garantir a saúde pública, uma vez que os mortos eram um problema de todos. O saber médico então teve a missão de convencer Estado, clero e sociedade, de que já não era mais possível manter os mortos tão próximos dos vivos.

A teoria miasmática amplamente defendida pelos médicos europeus, e depois pelos brasileiros influenciados por eles, serviu de suporte teórico para o convencimento. De acordo com essa teoria, reapropriada pela ciência do século XVIII, os miasmas eram partículas que seriam capazes de causar doenças. Podiam estar presentes no solo, nas águas e no ar; portanto os mortos no processo de decomposição eram agentes contaminantes latentes. Enterrar um cadáver dentro de um recinto religioso, sendo que estes espaços eram amplamente visitados pelos fiéis, era um risco não só possível de ser evitado, como também necessário para higienização das cidades.<sup>6</sup> A França foi a primeira nação a proibir as práticas de sepultamento *ad sanctos*, por meio de instrumentos jurídicos. Leis foram desenvolvidas recomendando a transferência imediata dos locais de sepultamentos para fora das cidades. Um inquérito de 1763 determinava ao Parlamento de Paris que os enterros dentro das igrejas fossem interditados, sendo apenas dada a exceção aos membros do clero. Contudo, devido às brechas existentes na legislação, a determinação não obteve êxito, pelo menos até o surgimento de uma ordem régia em 1776.<sup>7</sup>

A ordem régia de 1776 buscou reafirmar a lei anterior, ampliando também a jurisdição geográfica legal de sua atuação. A ordem proibia também enterros em capelas de mosteiros e conventos, porém assim como a lei de 1763, voltava a deixar brechas, pois apesar da

5 *Ibidem*, p.50-52.

6 REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.75.

7 *Ibidem*, p.75-78.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**

Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

recomendação de transferência, havia um trecho que dizia: “se as circunstâncias permitissem”, o que acabou por, na prática, manter os enterros *ad sanctos*.

Foi somente após uma vigorosa campanha dos médicos que o Estado acabou por determinar o fechamento imediato dos cemitérios existentes dentro do centro das cidades, como aconteceu com o Cemitério dos Inocentes em Paris, fechado em 1780. Os cemitérios foram aceitos na França sem “maiores resistências” pela população, e assim tão logo surgem, os jazigos individuais se tornariam uma realidade, pois tratava-se de uma forma de manutenção da higiene.<sup>8</sup> Os jazigos de família foram ganhando também espaço nos cemitérios, o que leva em pouco tempo a uma nova forma de culto ao morto, numa mistura entre a arte cristã ou cristianizada e a doutrina positivista de Auguste Comte.<sup>9</sup>

Em 1803, inaugurou-se o cemitério de Péré-Lachaise; em 1804, determinaram-se normas detalhadas reafirmando a proibição de sepulturas coletivas, abolindo covas comuns, definindo a distância entre os cemitérios e as cidades, assim como deveriam estar organizadas as sepulturas dentro dos campos santos.<sup>10</sup> As ações francesas repercutiram em outras nações europeias e também em suas possessões ultramarinas. No caso do mundo ibérico, primeiro foi a Espanha que sofreria influências do modelo francês, na constituição e implantação do Cemitério de Málaga, e depois Portugal. Ao se pensar no Brasil, a questão já era discutida desde o final do século XVIII, quando D. Maria I, em 1789, recomendava a construção de cemitérios na colônia. E a questão prosseguiu quando no início do XIX por meio de uma Carta-Régia se buscava determinar a proibição dos enterramentos dentro dos recintos das igrejas pelo bem da higiene e saúde pública.<sup>11</sup>

Em 1825 foi emitida uma portaria legislando sobre os enterros. E foi em 1828 que o Imperador D. Pedro I decretou, por meio da Lei de 28 de outubro, o fim dos sepultamentos nos recintos religiosos, designando às câmaras a obrigação de fazer cumprir tais normas.<sup>12</sup> Apesar disso, na prática, os cemitérios só começam a ser de fato construídos por todo o Império a partir

Ibidem, p.75-78.

ARIÉS, Philippe. *Op. cit.* 1977, p. 50.

REIS, João, *Op. cit.* 1999, p.78.

ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória – Múltiplas interseções: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte.* 2007, p. 104-105.

*Ibidem*, 2007, p. 104-105.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

da segunda metade do século XIX.<sup>13</sup> Em Belém/PA, entre os primeiros cemitérios a observarem esses princípios sanitários estão o da Soledade,

Em Manaus/AM, o São João Batista inaugurado no período republicano, em 1891, não pareceu ter enfrentado grandes resistências e segue em funcionamento. Ambos coincidiram os seus primeiros anos de funcionamento com momentos epidêmicos na Amazônia. Esses cemitérios, nas regiões de maior pujança econômica, passaram a ser um novo palco de experimentação do espírito romântico que dava lugar à cultura funerária barroca. Assim, e também influenciados pela doutrina positivista, os cemitérios começaram a ser um local de projeção de identidades, um lugar de memória e negação da morte (MOTTA, 2009). A pujança da extração do látex serviu como meio para financiar grandes reformas urbanas e arquitetônicas que transformariam em definitivo essas pequenas cidades amazônicas em pujantes urbes. Os cemitérios, portanto, acompanharam esse ímpeto de modernização. Tal qual o existente no centro-sul e nordeste brasileiro, os cemitérios dessas capitais apresenta grande riqueza e vêm sendo cada vez mais pesquisados nas últimas décadas.

## **JUSTIFICATIVA**

Os cemitérios públicos extra-urbe surgiram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e se espalharam por todos os cantos do país conforme já apontado. A constituição destes espaços na província do Pará e do Amazonas possivelmente tinha uma proposta pautada em valores secularizantes e higiênicos. No entanto parte-se do pressuposto de que, via de regra, não houve no processo uma perda da religiosidade por parte dos que sepultavam seus entes queridos agora nos cemitérios públicos. Pensa-se que, pelo contrário, o mais provável é que o sentimento religioso fosse combativo o suficiente para ressignificar esse movimento a favor da saúde pública.

Deve-se ainda lembrar que em muitas localidades seriam aliás, as irmandades religiosas as responsáveis por administrar “os cemitérios públicos”. Os diferentes valores dos grupos que compunham as cidades de Belém e Manaus deram características particulares a não somente a construção dos cemitérios, mas também a representação identitária e religiosa das famílias

COSTA, Fernanda Maria Matos da. *A morte e o morrer em Juiz de Fora: Transformação nos costumes fúnebres (1851- 1890)*. 2007, p. 28.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

nesses novos locais de enterro. A relevância da pesquisa se concentra, portanto, em analisar os meandros do processo de higienização da morte na Amazônia.

A possibilidade de contribuir para os estudos sobre o processo higiênico nos cemitérios na Amazônia, levando a pesquisa do norte do Brasil ao conhecimento de outras regiões move o desejo de realizar esta investigação. Ressalta-se que apesar da crescente produção acadêmica nacional a respeito de cemitérios, como os trabalhos de (CAMPOS, 1986), (RODRIGUES, 1997), (REIS, 1999), (BORGES, 2002), (DIAS, 2006), (ALMEIDA, 2007), (CARVALHO, 2009), (RODRIGUES, 2014), (CARVALHO, 2015), o interesse pela temática ainda está concentrado no centro-sul do país e/ou nos grandes centros.

Embora os cemitérios dessas capitais tenham sido analisados de modo isolado, carecem estudos comparativos o que demonstra a importância por sua vez da pesquisa. As grandes distâncias geográficas pode ter impedido tais pesquisas no passado, no entanto atualmente muito material e documentação tem sido digitalizado e pode por assim, se consultado remotamente.

Os cemitérios são importantes espaços de representação da vida, no lugar dos mortos. Essa preocupação com a configuração visual é encontrada neles pode ser trabalhada como microespaços a partir da conceituação de Giulio Argan (2010). Além disso, é notório que algumas famílias se preocupavam em construir mausoléus e jazigos embelezados com obras de arte a fim de estabelecer a diferenciação entre classes e grupos. A (in)existência de uma arte funerária em determinada localidade também conta sobre os processos sociais e econômicos que essa vivia. Em seu livro *A distinção: crítica social do julgamento*, Pierre Bourdieu (2007) discorre sobre a utilização da estética como fator de distinção e unificação dos iguais:

Sabendo que a maneira é uma manifestação simbólica, cujo sentido e valor dependem tanto daqueles que a percebem quanta daquele que a produz, compreende-se que a maneira de usar bens simbólicos e, em particular, daqueles que são considerados como atributos de excelência, constitui um dos marcadores privilegiados da “classe”, ao mesmo tempo que o instrumento por excelência das estratégias de distinção, ou seja, na linguagem de Proust, da “arte infinitamente variada de marcar distâncias”.<sup>14</sup>

14 BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora ZOUK; São Paulo: Edusp, 2007, p. 65.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

Sendo assim, ainda de acordo com Pierre Bourdieu, o poder simbólico: “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem”<sup>15</sup>. A produção escultórica e simbólica que é profusamente aplicada aos cemitérios higiênicos – durante o que Michel Vovelle chama de “período áureo da arte tumular”, que perdura na Europa entre os anos de 1860 a 1930<sup>16</sup>, no Brasil segundo Maria Elizia Borges (2002), ocorre de forma similar, mas não igual.<sup>17</sup>

Conhecer a trajetória de setores abastados das sociedades belenense e manauara, também por meio do que seus familiares desejavam perpetuar poderia contribuir para o avanço da historiografia da amazônia assim como uma trazer novos elementos para os campos de pesquisa de história do urbanismo, história da arte, história social da cultura, memória e formas de representação entre outros.

## **OBJETIVO GERAL**

Examinar a incorporação do discurso higienista nas cidades de Belém e Manaus, diante do impacto da crença do controle das epidemias por meio da higienização da urbe.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Discutir a partir da historiografia temática, fontes documentais os tipos possíveis de inumação ao longo da ocupação do norte do Brasil
- Apresentar à academia e à sociedade a importância dos cemitérios para memória social e história do processo de organização da cidade
- Analisar a percepção do morrer comparativamente em Belém e Manaus e as suas transformações ao longo do tempo
- Comparar a constituição de outros cemitérios nas mesmas cidades e verificar a (in)existência de uma arte funerária como fator de distinção dos grupos
- Demonstrar a íntima relação social que havia entre o mundo dos vivos e dos mortos.

<sup>15</sup> *Idem*.

<sup>16</sup> VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

<sup>17</sup> BORGES, Maria Elizia. *op. cit*, 2002.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

- Examinar porque os setores excluídos da sociedade tender a estar mais invisíveis em espaços até então públicos
- Capacitar bolsistas e voluntários do projeto na elaboração e execução de um projeto de pesquisa.
- Organizar um seminário interno de encerramento com os resultados encontrados tendo a participação dos membros envolvidos, alunos do curso de arquitetura, história e saúde coletiva.
- Publicar e participar de eventos acadêmicos os resultados encontrados

## **METODOLOGIA**

Como ponto inicial para a elaboração desta investigação, partiu-se sobre a existência de fontes documentais e bibliográficas que pudessem subsidiar a investigação. Conhece-se a existência de jornais e documentos, mas que não necessariamente precisam ser consultados *in locus* uma vez que já foram interpretados e explorados por inúmeros autores e parte da documentação se encontra online.

Além disso, para uma melhor compreensão da temática será essencial utilizar a abordagem interdisciplinar combinando conhecimentos da história cultural, antropologia, sociologia, artes, literatura além da historiografia local. Sobre a História Cultural foi a partir da Escola dos *Annales* que buscando ampliar os eixos temáticos e possíveis novas abordagens na pesquisa em História que se traçou perspectivas para se analisar o morrer. Considerando isso, o tema da morte surgiu como uma temática até então não tradicional de pesquisa entre os historiadores e ganhou interpretações e abordagens no que se insere na “história das mentalidades”, campo de pesquisa bastante socializado no contexto europeu dos anos de 1970:

A história das mentalidades, afirmou Vovelle, é o estudo das mediações entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. A esse nível, as contradições se diluem entre os dois esquemas conceituais: ideologias de uma parte, mentalidades de outra. As mentalidades seriam mesmo, para Vovelle, um terceiro nível da estrutura social (ou do modo de produção), afirmando-se não como um território estrangeiro, exótico, mas como o



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

prolongamento natural e a ponta fina de toda história social.<sup>18</sup>

Michel Vovelle e Philippe Ariès propuseram interessantes análises para a historiografia, pois libertaram-se de amarras do positivismo, mas sem ignorar suas contribuições. Foi Vovelle o primeiro ao usar o conceito de *imaginário coletivo* em vez de *inconsciente coletivo*. A historiografia produzida a respeito dos cemitérios será essencial para se compreender o contexto nacional. Assim, considera-se que os ricos trabalhos de: (BORGES, 2002), (DIAS, 2006), (ALMEIDA, 2007), (CARVALHO, 2009), (CARVALHO, 2015), (SILVA, 2019) entre outros serão essenciais.

## **METAS**

- Desenvolver pesquisa interdisciplinar
- Fortalecer e introduzir o curso de Arquitetura e seus discentes na pesquisa regional;
- Capacitar os discentes da Unifesspa por meio de encontros e os bolsistas/voluntários por meio seminário interno;
- Publicar os resultados obtidos em eventos acadêmicos.
- Gerar banco de dados documentais para eventual avanço e novas pesquisas

## **CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

<b>Atividades</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ag o</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>No v</b>	<b>Dez</b>
Realização de reuniões entre o coordenador e colaborador				x								
Seleção dos discentes envolvidos com o projeto				x								
Levantamento e Consulta Bibliográfica					x	x	x					
Consulta a documentação							x	x	x	x		

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp. 140-141.





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

Atividades a serem desenvolvidas: Coordenar as atividades do projeto.	
Nome: Karliane Massari Fonseca	Cargo: Colaboradora
E-mail: <a href="mailto:kakamassari@hotmail.com">kakamassari@hotmail.com</a>	CPF:
Titulação: Doutoranda em Urbanismo - PROURB / UFRJ	Carga horária: 5h
Atividades a serem desenvolvidas: Pesquisa, auxiliar na capacitação dos bolsistas e demais suportes que sejam necessários.	
Nome: Roberto Bernardo da Silva	Cargo: Colaborador
E-mail:	CPF:
Titulação: Doutorado em Transportes	Carga horária: 5h
Atividades a serem desenvolvidas: Pesquisa, auxiliar na capacitação dos bolsistas e demais suportes que sejam necessários.	

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória – Múltiplas interseções: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2007.

ARIÈS, P. *História da morte no ocidente*. Vol. I, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

\_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. Vol. I, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, 2v.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul; Arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre, Ed. da PUCRS, 2000.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) - Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A vivência da morte na Capitania de Minas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1986.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira Mazzucchi. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. *A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2009.

\_\_\_\_\_. *História e Arte Funerária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2015.

CERQUEIRA, Francisco Januário da Gama. Cemitério da capital – 1859. In: \_\_\_\_\_. Relatório: governos da Província de Goyaz de 1861-1863 : relatórios políticos, administrativos, econômicos religiosos, etc. Goiânia: Ed. da UCG, 1997. (Memórias goianas; 9).

COELHO, Antonio Matias. *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva, 1991.

COSTA, Fernanda Maria Matos da. *A morte e o morrer em Juiz de Fora: Transformação nos costumes fúnebres (1851- 1890)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GRASSI, Clarissa. *Um olhar... a arte no silêncio*. Curitiba: Clarissa Grassi, 2006.

MOTTA, Antônio. *À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além: o Processo de Secularização da Morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. 2002, Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE ENGENHARIA DO ARAGUAIA**  
Rua Geraldo Ramalho, nº 33, Bairro: centro — Santana do Araguaia, Pará, Brasil.  
CEP 68560-000 E-mail: [iea@unifesspa.edu.br](mailto:iea@unifesspa.edu.br) Telefones: (94) 2101-5937/5936

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. *Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA*. 2014. 364 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Iphan, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, E. O Cotidiano da Morte e a Secularização dos Cemitérios em Belém na Segunda Metade do Século XIX (1850-1891). Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, L. Muito Além da Saudade: sociedade, morte e arte no Cemitério Municipal de Juiz de Fora (1864-1916). Tese (Doutorado em História Social) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, P. Deterioração das Pedras da Arquitetura Mortuária do Cemitério Nossa Senhora da Soledade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Mauad, 1999.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura; Departamento de Imprensa Nacional, 1972.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *As almas do purgatório, ou o trabalho de luto*. São Paulo, Editora UNESP, 2010.